

1) Para o evangelizador

a) Conhecimento como valor humano

Interesse pelo conhecimento:

Ter sede de saber sobre o mundo objetivo, visível, agrada a nossos sentidos e fascina nossa mente. É o meio de descobrir a melhor forma de nos adequarmos à vida e dela tirar o melhor proveito, assim como de contribuir, com nossos talentos, para sua melhoria. Esse anseio pelo conhecimento pode fazer também com que nos detenhamos mais profundamente no mundo subjetivo que permeia as coisas e ultrapassemos os limites de nossos sentidos, provocando o rompimento da inércia e do comodismo, condição indispensável para vencer a ignorância e ampliar as possibilidades de experimentar os diversos aspectos da existência. A mobilização interior, ao liberar a coragem e a força de vontade, vence todos os obstáculos que se interponham no caminho do autoconhecimento.

Espírito de pesquisa:

O ser humano deve ser o investigador inteligente que, mesmo imerso no mundo material e vítima de pressões do meio e apelo dos instintos, procura descobrir indicadores que o auxiliem a rasgar os véus da ilusão e tornar-se autoconsciente, ousando investir na percepção do grau de amalgamação existente entre o objetivo e o subjetivo. Somente conseguiremos saber onde um começa e o outro termina quando superarmos a identificação com a forma como princípio e fim. Pesquisar externa e internamente nos traz a revelação de que a causa de todo sofrimento é a falta de conhecimento da verdade, e isso nos proporciona meios de preencher essa falta. Assim sentiremos a relação do finito com o infinito.

Uso adequado do conhecimento:

Tanto o conhecimento adquirido por educação formal ou pela observação da vida quanto a sabedoria espiritual adquirida pela experiência com o transcendental devem ser compartilhados e não desperdiçados. Sonegar conhecimento é um ato de violência; porém, oferece-lo àquele que não tem condição de assimilá-lo também constitui uma forma de agressão. Usar adequadamente o conhecimento significa empregá-lo sempre em benefício do próximo e da evolução do homem. Deve ser transmitido sem imposições e dosado conforme a sede do semelhante, mas sempre com amor e generosidade. Conhecimento é uma forma de poder; assim, deve ser usado com discernimento, a serviço do bem.

(in: Aulas de transformação)

b) Conhecimento

Saber, ter prática de. Ele é uma conquista e uma integração.

O conhecimento pertence ao Espírito. O Espírito foi criado para ir conquistando.

Conquistando pelo conhecimento progressivo o saber espírita integramo-nos na realidade multidimensional da era cósmica.

2) Objetivo despertar no jovem a importância em buscar o conhecimento, compreendendo que ler, estudar e pesquisar são uma necessidade vital para o progresso espiritual.

3) Bibliografia:

- * O Livro dos Espíritos - Capítulo II – Dos elementos gerais do Universo: Conhecimento do princípio das coisas
- * O Livro dos Espíritos - questões 72, 075-A; 076; 114; 122; 180 e 189; 629; 685A ; 780-A; 919
- * Aulas de transformação – O programa de educação em valores humanos – Marilu Martinelli – p. 25
- * Os Valores Humanos – uma viagem do Eu ao nós – Antonio e Sylvie Craxi – pp 14/15 - O Bem e o Mal
- * Texto Orson Carrara - internet

Desenvolvimento:

- . distribuir o texto abaixo para todos
- . subdividir os grupos em dois (três, quatro, etc. dependendo do número de jovens presentes)
- . o coordenador, com o acompanhamento dos jovens, lerá o texto em voz alta.
- . pedir que aos subgrupos que elejam um secretário, que deverá anotar as idéias principais e as perguntas do grupo sobre o tema abordado – não ultrapassar 10 min.
- . Reunir o grupo em roda e iniciar a discussão em grupo sobre o tema.

Texto: Ler, estudar, pesquisar. Eis uma necessidade vital para o progresso espiritual.

Tenha você recebido sua conta telefônica ou uma carta, tenha adquirido um simples eletrodoméstico ou ainda queira programar uma viagem, é preciso ler os documentos pertinentes. Ler um manual, inteirar-se do vencimento de uma fatura, localizar-se e claro acompanhar a velocidade da informação; para tudo isto é preciso ler e muito mais que isso, é preciso estudar.

Todas as ciências possuem seus fundamentos. Se vamos estudar um novo idioma ou analisar um fato histórico e até mesmo para nos conhecermos pessoalmente, é preciso ler, estudar, pesquisar, procurar... Não é por outra razão que o Estado tornou direito da criança e dever dos pais – e do próprio Estado, a matrícula escolar para alfabetização. Todos precisamos dela, até por uma questão de civilidade...

De acordo com Harold Bloom – de 70 anos, considerado o mais importante crítico literário dos Estados Unidos e autor de vinte livros sobre literatura, professor há mais de quarenta anos lecionando nas universidades Yale e de Nova York – quando indagado pelo repórter Flávio Moura (Revista Veja, edição 1.685 – ano 34 – de 31 de janeiro de 2001, da Editora Abril), *por que ler?* respondeu: A informação está cada vez mais ao nosso alcance. Mas a sabedoria, que é o tipo mais precioso de conhecimento, essa só pode ser encontrada nos grandes autores da literatura. Esse é o primeiro motivo por que devemos ler. O segundo motivo é que todo bom pensamento, como já diziam os filósofos e os psicólogos, depende da memória. Não é possível pensar sem lembrar – e são os livros que ainda preservam a maior parte de nossa herança cultural. Finalmente, e este motivo está relacionado ao anterior, eu diria que uma democracia depende de pessoas capazes de pensar por si próprias. E ninguém faz isso sem ler.

Percebemos na resposta do importante crítico literário americano, três itens que merecem nossa maior atenção:

- a) A sabedoria como o tipo mais precioso de conhecimento;
- b) Não é possível pensar sem lembrar e
- c) A democracia depende de pessoas capazes de pensar por si próprias. Embora estejamos numa nação adolescente do ponto de vista cultural, os predicados citados devem ser buscados com perseverança.

Integrados numa Doutrina de vasto patrimônio cultural – desde seus fundamentos com a publicação da Codificação de Allan Kardec até a permanente fonte de luz que jorra para a humanidade, indica por si só a necessidade também

permanente de estudo e pesquisa.

O próprio Codificador enfatizou essa necessidade de estudo ao declarar na introdução de O Livro dos Espíritos(1), item VIII, que: "Acrescentemos que o estudo de uma doutrina como a espírita, que nos lança de súbito uma ordem de coisas tão nova e grande, não pode ser feito proveitosamente senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado (...) O que caracteriza um estudo sério é a continuidade (...)". Mas não ficou só nisso. Toda a sua obra é fruto de um profundo raciocínio que leva o leitor, o estudioso, a pensar, a refletir e a alcançar conclusões mentais no vasto campo da ciência, da filosofia e da religião, ligando-as entre si.

O próprio caráter doutrinário do Espiritismo, respondendo às principais questões humanas – sobre origem, razões e destinação da vida humana, pede um estudo comparado de seus textos com as conquistas humanas já acumuladas e as que diariamente vem sendo somadas, principalmente nesta época veloz da informação.

Na Revista Espírita(2), de setembro de 1867 – ano X, vol. 9 -, ao apresentar o trabalho *Caracteres da Revelação Espírita* (também apresentado no capítulo I da obra *A Gênese*), o Codificador – usando o método de partir do conhecido para o desconhecido, como fez em toda sua obra, leva o leitor e estudioso da Doutrina Espírita a percorrer os caminhos do raciocínio para concluir sobre o caráter revelador do Espiritismo. Indaga no item *Qual o papel do professor perante os alunos, senão a de um revelador? Ele lhes ensina o que não sabem, o que nem teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos?* (3) e responde no item seguinte(5) *Mas o professor só ensina o que aprendeu. É um revelador de segunda ordem?* (4). No item 13, declara que *Por sua natureza, a revelação tem um duplo caráter: participa, ao mesmo tempo, da revelação divina e da revelação científica (...)*

Com o único exemplo do texto extraído da Revista Espírita(3), nos estudos sobre a continuidade da vida ou das comunicações com os espíritos, das amplas revelações que trouxeram, do poder moralizador do Espiritismo; o uso do método experimental ou tantas outras questões do patrimônio cultural e espiritual da Doutrina Espírita, é preciso mais que ler, é preciso estudar.

É por esta razão que aí está a Codificação publicada e divulgada. A informação espírita, sempre disponível nos livros embasados em Kardec, está à disposição de quem quiser, mas para este é preciso a iniciativa, o esforço de ler, de estudar. Não tem outro jeito.

É somente debruçando-se para estudar que se irá, gradativamente, descobrindo-se as maravilhas que o Espiritismo ensina; a clareza de seus postulados, a lógica de seus argumentos.

Perguntamos ao leitor: Como entusiasmar-se sem ler, sem estudar? Como conhecer, verdadeiramente, sem ler, sem estudar? Quer saber por que existem distorções, por que falam mal de nossa Doutrina, por que os próprios espíritas às vezes se desentendem e por que o nível de informação da Doutrina é tão ínfimo em nosso país? É pela ausência de um estudo sério, perseverante, como ensinava Kardec.

Se deixamos de ler, não descobrimos por exemplo, esta pérola*:

"(...) Sabemos que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência e que se podem enganar; que, por vezes, emitem idéias próprias, justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se exercite em discernir o verdadeiro do falso, aquilo que é racional daquilo que é ilógico. É por isso que nada aceitamos de olhos fechados. Assim, não haveria ensino proveitoso sem discussão. Mas, como discutir comunicações com médiuns que não suportam a menor controvérsia, que se melindram com uma observação crítica, com uma simples observação, e acham mau que não se aplaudam as coisas que recebem, mesmo aquelas lançadas de grosseiras heresias científicas? Essa pretensão estaria deslocada se o que escrevem fosse produto de sua inteligência; é ridícula desde que eles não são mais que instrumentos passivos, pois se assemelham a um ator que ficaria ofuscado, se nós achássemos maus os versos que tem de declamar. Seu próprio Espírito não se pode chocar com uma crítica que não o atinge; então é o próprio comunicante que se magoa e transmite ao médium a sua impressão. Por isto o Espírito trai a sua influência, porque quer impor as suas idéias pela fé cega e não pelo raciocínio ou, o que dá no mesmo, porque só ele quer raciocinar. Disso resulta que o médium que se acha tais disposições está sob o império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que mostra mais orgulho que saber. Assim, sabemos que os Espíritos dessa categoria geralmente afastam seus médiuns dos centros onde não são aceitos sem reservas.

Esse capricho, em médiuns assim atingidos, é um grande obstáculo ao estudo. Se só buscássemos o efeito, isto seria sem importância; mas como buscamos a instrução, não podemos deixar de discutir, mesmo com o risco de desagradar aos médiuns. (...) Aos seus olhos, os obsedados são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações. Alguns levam a sua susceptibilidade a ponto de se formalizarem com a prioridade dada à leitura das comunicações recebidas por outros médiuns. Por que uma comunicação é preferida à sua? Compreende-se o mal-estar imposto por tal situação. Felizmente, no interesse da ciência espírita, nem todos são assim (...)"

Por isso, amigo leitor, leia, leia sempre. Leia jornal, leia revista – espírita ou não, para estar integrado a tudo. Mas estude também uma área que mais lhe desperte interesse. Isto será de muito valor para seu progresso pessoal e para o bem de humanidade, pois em tudo que sabemos, nas potencialidades que desenvolvemos, a Paternidade de Deus aproveita para o bem de nossos irmãos de caminhada.

(1) 3a. edição FEESP, tradução J. Herculano Pires.

(2) Edição da Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho.

(3) Setembro de 1867, ano X, vol. 9.

*Trecho parcial de discurso de Allan Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na abertura do ano social, a 1º de abril de 1862 (extraído da Revista Espírita de junho de 1862, ano V, vol. 6, edição EDICEL).

(Autor: Orson Peter Carrara)